

POÉTICAS DO MASCULINO:
OLGA SAVARY,
VALDO MOTTA
E PAULO SODRÉ¹

POETICS OF THE MASCULINE:
OLGA SAVARY,
VALDO MOTTA
AND PAULO SODRÉ

José Carlos Barcellos*
(*In memoriam*)

Esta palavra apenas sugerida
no que eu não ousava e agora ousou

Olga Savary

Segundo Wolfgang Popp, uma das dificuldades com que se depara quem pretenda fazer literatura erótica é não encontrar disponíveis na língua senão dois registros aptos a descrever ou narrar as experiências relacionadas à sexualidade: a linguagem disfêmica do calão e a linguagem asséptica da medicina (POPP, 1992). Ou seja, ao contrário de praticamente todas

¹ BARCELLOS, José Carlos. Poéticas do masculino: Olga Savary, Valdo Motta e Paulo Sodré. In: PEDROSA, Celia (Org.). *Mais poesia hoje*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2000. p. 77-86. Transcrevemos aqui apenas a introdu o e a parte referente   poesia de Valdo Motta (p. 77-78 e p. 80-83).

* Doutor em Letras pela Universidade de São Paulo (USP) e em Teologia Sistemático Pastoral pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-RJ).

as outras experiências humanas, para as quais as línguas dispõem de uma grande riqueza e variedade de matizes expressivos, distribuídos por registros diversos – do familiar ao técnico, do vulgar ao sublime, do coloquial ao rebuscado –, a experiência erótica ver-se-ia coarctada pela (falsa) dicotomia entre linguagem grosseira e linguagem higiênica.

Eis por que, para o crítico alemão, a primeira tarefa a ser enfrentada pelo escritor que se dispuser a abordar o erotismo há de ser a criação de uma linguagem própria, capaz de superar as restrições que a norma lingüística lhe impõe de forma tão peremptória. Por outras palavras, poderíamos dizer que a linguagem da literatura erótica é necessariamente *poética*, isto é, fabricada, criada. Neste texto, pretendemos explorar brevemente os caminhos seguidos por três poetas brasileiros contemporâneos – Olga Savary, Valdo Motta e Paulo Sodr e – na superação desse problema, que Popp soube enunciar com tão grande acuidade crítica.

Uma leitura conjunta de *Magma* (1982), *Bundo e outros poemas* (1996) e *Dos olhos, das mãos, dos dentes* (1992) levanta algumas questões interessantes. Chama a atenção, em especial, a alta qualidade da poesia produzida pelos três autores, bem como a diversidade das soluções estilísticas de que se valeram para tematizar poeticamente o corpo masculino e o desejo que a ele se dirige. Essa diferença de dicção poética corresponde, em cada um deles, a um universo muito particular e complexo de valores, sentimentos e referências. Por isso mesmo, podemos afirmar que estamos diante de três poéticas bastante sólidas e originais.

[...]

2 – Valdo Motta: uma poética de subversão

A poesia de Valdo Motta é um acontecimento. Possivelmente desde Adélia Prado, não surgia na literatura brasileira poeta tão original e inconfundível. Como a autora mineira, o poeta capixaba surpreende pela maneira como articula erotismo e sagrado. No entanto, se em Adélia temos uma poesia / teologia da

encarnação, perfeitamente ortodoxa, com Valdo adentramos firmemente o campo de heterodoxia.

O sagrado em Valdo Motta deita raízes em estratos culturais muito antigos, anteriores à fixação dos atuais textos bíblicos canônicos. A poesia que nos propõe é um escavar de significados, que visa a trazer à luz sentidos soterrados por séculos de sucessivas leituras “espiritualizantes”. Assim, vêm à tona os substratos eróticos de inúmeras passagens das escrituras judaico-cristãs, numa exegese cujo ecletismo e artificialismo não chegam a comprometer – antes, realçam – o universo poético que se está construindo.

VARÕES DE TODAS AS RAÇAS, TIRAI JR 2:4
O PREPÚCIO DE VOSSOS CORAÇÕES;
CIRCUNCIDAI-VOS PARA O SENHOR,
QUE APRECIA AS DELÍCIAS URANAIS
E EXIGE DE TODOS PLENO AMOR.

CIRCUNCIDAI-VOS PARA O SENHOR,
QUE APRECIA A NUDEZ DO VARÃO
E, HÁ MUITO, AGUARDA O VOSSO AMOR,
ANSIANDO O MÚTUO CONHECIMENTO ZC 3:10
ENTRE AMANTE E AMADO, TOTALMENTE. AP 14:4
TIRAI O PREPÚCIO DE VOSSOS CORAÇÕES.

É essa exegese subversiva, que vai do sentido metafórico ao sentido literal, o eixo a partir do qual a poesia de Valdo pode reapropriar-se da linguagem bíblica, fazendo-a abrir-se a um novo campo metafórico, marcado, desta vez, pelo erotismo e, em particular, pelo homoerotismo masculino:

Vem comigo, meu amado,
fervamos o leite cósmico.
Celebremos nosso gozo
no cristântrico festim.

Vem, querido, preparar
o teu mosto em meu lagar
e fazer o vinho santo.

Vem destilar a mirra
do monte dorsal e o mel
que mana da rocha viva.

O homoerotismo, tal qual aparece nos poemas de *Bundo*, é também ele profundamente subversivo em relação a boa parte do que se poderia chamar de literatura *gay* convencional. Como bem observa Gregory Woods, em muitos contextos literários e extraliterários a penetração anal é percebida como o ato que por excelência define o homossexual ao mesmo tempo que o desumaniza radicalmente (WOODS, 1998, p. 275ss). Por isso mesmo, seu tratamento literário é bastante problemático e ambíguo, como se vê em Gide ou Genet, por exemplo. Valdo Motta faz precisamente do erotismo anal o centro de seu universo poético. É no ânus que se dá, para o poeta, o encontro entre erotismo e mística, não como mera conjugação de duas experiências distintas, como parece postular Fábio de Souza Andrade (ANDRADE, 1997), mas como unidade vital profunda e indecomponível:

Ó guardião
da estreita via
oculta em roupas
e interditos
premia a audácia
dos destemidos
que enrabamos
e nos enrabam
dá-nos a todos
as tuas graças

Além dessa ênfase na analidade, chama a atenção na poesia de Valdo a acuidade na percepção e exploração da sonoridade das palavras, como instrumento de articulação de diferentes registros culturais, naquele fecundo ecletismo que é inequivocamente um marco da sua dicção poética e a situa no coração mesmo da cultura contemporânea:

Guido

Mais que bofe, febo,
sol noturno, guia
de amante míope
e seu amor cego.

Mais que bofe, febe,
lua amorenada,
e eu aluado,

as veias em febre.

Vedem-me de ver-te,
sátiro moreno,
mas dêem-me ao menos
os teus olhos verdes.

Esse processo de reapropriação e síntese de fragmentos provenientes de diferentes tradições e estratos culturais pode-se ver magistralmente trabalhado no poema "Revisitando o inferno na paixão":

Em águas tantas vezes navegadas,
de dor em dor, no dia a dia, ser
o bêbado batel entre os corais
(arraís e co-arraís já enjoados),
assim vagando em círculos, sem mais
combustível além do desespero,
em águas tantas vezes navegadas.

Enfim, no olhar por vários títulos subversivos que a poesia de Valdo Motta lança sobre o corpo masculino podemos ver, com Iumna Maria Simon, "a força da (sua) dicção poética, que é obscena, às vezes sacrílega, sempre herética, mas não libertina" (SIMON, 1999, p. 77), como se comprova no pequeno poema:

NO CU
DE EXU
A LUZ

[...]

Notas:

ANDRADE, Fábio de Souza. Gozo místico. In: *Folha de São Paulo*, 7 dez. 1997. Caderno Mais!, p. 13.

BERSANI, Leo. Trahissons gaies. In: ERIBON, Didier (Coord.). *Les études gay et lesbiennes*. Paris : Centre Georges Pompidou, 1998, p. 65-72.

MOTTA, Valdo. *Bundo e outros poemas*. Campinas: Ed. da Unicamp, 1996.

POPP, Wolfgang. *Männerliebe: Homosexualität und Literatur*. Stuttgart: Metzler, 1992.

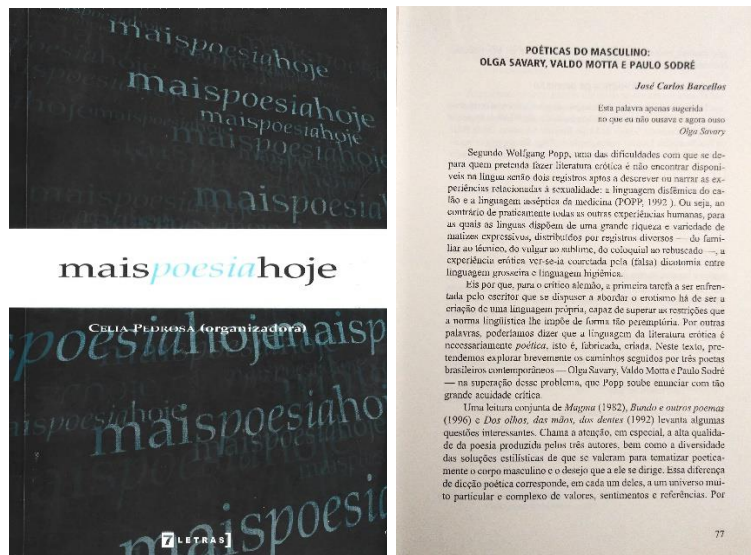
SAVARY, Olga. *Repertório selvagem: obra reunida*. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional/MultiMais/Universidade de Mogi das Cruzes, 1998.

SIMON, Iumna Maria. Revelação e desencanto. In: *Praga. Estudos Marxistas*, n. 7, 1999, p. 69-99.

SODRÉ, Paulo Roberto. *Dos olhos, das mãos, dos dentes*. Vitória: Departamento Estadual de Cultura, 1992.

TOLEDO, Marleine Paula Marcondes e Ferreira de. *A voz das águas: uma interpretação do universo poético de Olga Savary*. Lisboa/Coimbra/São Paulo: Ed. Colibri/Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra/Universidade Cidade de São Paulo, 1999.

WOODS, Gregory. *A History of Gay Literature: The Male Tradition*. New Haven/Londres: Yale University Press, 1998.



Capa de *Mais poesia hoje*, de Celia Pedrosa, e página inicial do artigo “Poéticas do masculino: Olga Savary, Valdo Motta e Paulo Sodré”, de José Carlos Barcellos (*In memoriam*).